

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

DIANE DE OLIVEIRA LEAL

**GASTRONOMIA E RELIGIOSIDADE NO ROMANCE “*IL CONTO DELLE  
MINNE*” DE GIUSEPPINA TORREGROSA**

RIO DE JANEIRO

2019

Diane de Oliveira Leal

**GASTRONOMIA E RELIGIOSIDADE NO ROMANCE “*IL CONTO DELLE MINNE*”  
DE GIUSEPPINA TORREGROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura.

Orientador: Fabiano dalla Bona

RIO DE JANEIRO

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata infinitamente as mulheres da minha vida que ajudaram a moldar o que sou hoje. Cada uma com seus estilos, determinação e crença, compuserem a Diane que chegou a este momento. A minha vó Leonesia, por toda sua sabedoria depositada em mim e todos os esporros. A minha tia Marcia, por ter acreditado em mim e ajudado em vários momentos em minha caminhada. A minha prima Jéssica que até hoje é um exemplo para mim e me inspirou tantas vezes. A minha mãe, que me passou sua garra.

Agradeço também ao meu orientado, Fabiano, que me acolheu em muitos momentos e aos meus amigos. Ao Leonardo que me salvou, foi meu sol inúmeras vezes e iluminou minha visão, a Luiza por ter aguentado toda a graduação comigo, a Dani que mesmo em Pernambuco aguentou todos os meus momentos de tristeza e me apoiou em cada um deles. A essas duas também, agradeço por ter mostrado a força que nós mulheres temos e ajudado a reconhecer o lindo movimento que é o feminismo.

Por fim, agradeço a Deus por ter me dado sabedoria, saúde e força para passar por todos esses anos.

Obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho baseia-se no livro da escritora italiana Giuseppina Torregrossa, intitulado “Il conto dele minne” e tem como objetivo demonstrar a relação entre religião e gastronomia a partir do preparo de um doce ofertado, todo dia 5 de fevereiro, a santa Ágata, padroeira de Catania. Para chegar-se a esse resultado, a presente narrativa demonstra como a figura da mulher é tratada ao longo da história da humanidade, como se constrói a escrita feminina. Assim como também evidencia como a simbiose entre os cultos de uma deusa egípcia ao de uma mulher que viria a se tornar santa Ágata é essencial para a construção do livro. Ainda faz uma narrativa sobre como o alimento e a religião estão ligados desde eras remotas, ditando até mesmo regras a serem seguidas por determinadas religiões. Comentário sobre tradição e oralidade, mostrando como elas também são temas chaves para a construção de uma linda narrativa feita pela italiana.

**Palavras-chave:** Religião. Gastronomia. Literatura Italiana. Santa Ágata. Giuseppina Torregrossa.

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2 A MULHER E A SANTA</b>	<b>8</b>
2.1 O CULTO DE SANTA AGATA	9
2.2. APROPRIAÇÃO LITERÁRIA DO MITO NA OBRA ‘IL CONTO DELLE MINNE’	14
<b>3 CONCLUSÃO</b>	<b>22</b>
<b>4 REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Não há uma data exata para quando começou, muito menos um local, mas sabe-se que em algum momento, lá na era do homem das cavernas, este achou necessário a criação de uma figura mística para explicar fenômenos de caráter naturais e sobrenaturais. Conforme o mundo evoluiu, os homens se dividem e a cada divisão uma nova língua, costumes, uma nova religião vai nascendo, cada uma com seu panteão e seus ritos. A religião, em um ponto da história, começa a ditar regras para sociedade, se mostra mais poderosas e passa a controlar o homem e, atualmente, existem inúmeras religiões pelo mundo.

Entre todas essas religiões no mundo, a mais difundida é o Cristianismo, a que ensina as lições de Jesus de Nazaré, símbolo de um amor advindo de outra divindade, Deus e de uma virgem, Maria. Dentro do Cristianismo existem algumas ramificações – assim como em qualquer outra religião – e o mais popular é o catolicismo. Seguem a Deus e a Jesus, mas possuem inúmeros santos responsáveis e cada um possui uma função.

Em Roma foi instalado o local que viria a ser de extrema importância para os católicos, o Vaticano, e lá se encontra o enviado de Jesus, o Papa. Porém, até a época do Imperador Constantino, os seguidores do catolicismo sofreram com as perseguições e repressões, assim como as religiões de matrizes africanas sofrem no mundo até hoje. Quando o preconceito começa a ocorrer, seus fiéis buscam uma forma de poder manifestar suas crenças de forma discreta e sem serem atormentados pelas brutalidades. Dentro desse contexto da simbiose entre religiões, surge na Sicília uma jovem que luta e sofre para se manter fiel a Deus: santa Ágata. Padroeira da cidade de Catânia, protetora contra doenças relacionadas aos seios e desastres naturais (como erupções e terremotos).

Este trabalho reflete a forma como a mulher é vista pela sociedade desde eras mais antigas, visões deturpadas pelo machismo e pela igreja, porém também suas visões santificadas. Conta-se também a história do martírio de santa Ágata e faz observações sobre as similitudes na festa desta e da deusa egípcia Isis, utilizando como fonte de pesquisa textos de Emanuele Ciaceri, Giovanni Lanzafame e Apuleio.

No segundo capítulo se tem o objetivo deste trabalho: analisar como a autora Giuseppina Torregrossa faz uso da religião e da gastronomia em sua obra “Il conto delle minne” para tecer

a história das personagens de seu livro. Toma-se como referências algumas obras de Mircea Eliade e a própria obra de Giuseppina Torregrossa.

Este trabalho se mostra importante pois faz uma análise de uma literatura italiana mais contemporânea, dá destaque a uma escritora feminina e demonstra que estudos sobre autores e obras mais recentes também rendem bons resultados. Giuseppina Torregrossa traz mais que um simples romance, entre suas palavras observamos também uma crítica a sociedade machista.

## 2 A MULHER E A SANTA

Desde os tempos mais remotos a mulher sofre com a submissão induzida pela sociedade: aos homens se conta a glória, enquanto o feminino é anulado ou tomado como algo ruim. Ser mulher nunca foi algo do qual se devesse orgulhar. Seja na Grécia ou em Roma, as Deusas estão sempre ligadas a questões de fertilidade, maternidade, beleza, sexo. Costumam ser ciumentas, traiçoeiras, manipuladoras, delicadas. Quando assumiam um papel na guerra, tornam-se mais brutas, cai sobre elas tabus sobre virgindade - uma deusa para estar em guerra tinha que ser pura -, sofrem a constante comparação com deuses e são jogadas uma contra as outras. A mitologia grega nos conta o mito de Medusa, a donzela que além de ser violentada por um deus, Athena a amaldiçoa, quando no fundo a jovem é nada mais que uma vítima que não possui culpa e há tantos outros mitos que poderiam ser citados aqui.

A sociedade romana não era para mulheres, as figuras femininas que possuímos em nossas histórias são sempre caracterizadas por mulheres domésticas ou má, sempre são aquelas que provém, nutrem, dá vida, mas também as que traem, destroem e cometem atrocidades:

Quando se fala sobre a história das mulheres na Antiguidade é importante ter em mente que as fontes existentes são fortemente enviesadas. As literárias, por exemplo, tratam majoritariamente das mulheres pertencentes à elite e refletem os preconceitos inerentes aos seus autores masculinos (TOLFO, 2016, p.14 *apud* CALDELLI, 2014, p.582).

No Império Romano a figura feminina deveria ficar dentro de sua casa, seguindo as regras imposta por seus maridos. Não podia haver inversão de papéis, as mulheres deveriam ser bem vistas, serem exemplares, pois isso influenciava diretamente na imagem que seu marido iria passar para a sociedade. Nas palavras da historiadora Mary del Priore:

Sendo a mulher um agente de Satã, toda sexualidade feminina podia prestar-se à feitiçaria. Seu corpo, ungido pelo mal, tornava-se o território de intenções malignas. Cada pequena parte seria representativa desse conjunto diabólico, noturno e obscuro. (PRIORE, 2006, p.53)

Com o surgimento do Antigo Testamento cristão, tem-se mais uma vez a distorção da figura feminina, daquela que seria a primeira mulher da humanidade, Eva funciona como sinônimo de traição. Sendo que a mesma foi criada a imagem e semelhança de Deus. Por que,



então, só a imagem do feminino é descaracterizada? Exemplo: E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (GENESIS 1:27).

É no Novo Testamento vê-se pela primeira vez o reconhecimento do ser feminino com a santificação da mãe de Jesus, Maria. Sendo excluída do pecado original e com as alegações de que Maria continuou virgem antes e depois de dar à luz ao que viria ser salvador dos seres.

A santificação de uma pessoa, então, parte do pressuposto de que ela esteve próxima de Deus, dava a vida como testemunho de fé em seu tempo terreno, mas que também conheceu a vida considerada pela igreja como “mundana”. A santificação, é a mais alta demonstração de amor a Deus que se pode conceder, o sujeito viveu uma vida dedicada a propagar o amor, a palavra sagrada, mesmo que muitas vezes houvessem outras pessoas no caminho para representando o pecado ou fazendo perseguições. Este é chamado martírio e significa sofrimento ou morte causados a uma pessoa como resultado de negar uma causa e defender sua fé. Muitas vezes o seu martírio ou o aspecto que mais se destacava, é tomado como sua “função” para proteção. Também é uma forma de purificação, é o reconhecimento de alguém que viveu como o filho de Deus, propagando amor e a palavra.

## 2.1 O CULTO DE SANTA AGATA

Ágata é nome derivado de *ágios* “santo”, e de *Theos*, “Deus”, significando, portanto”, santa de Deus (VARAZZE,2003, p.256)

Uma mulher que carrega no nome, não somente o posto que ocuparia, mas também o caminho que faria até sua santificação. Padroeira de Catania, uma comuna italiana localizada na Sicília, mas que possui adoradores por todo o mundo (França, Espanha, Malta, etc.), enfrentou o que queriam lhe impor por amor, por fé a Deus.

Santa Ágata viveu entre os anos de 235 e 251, era de família nobre e se consagrou a Deus ainda muito jovem. Segundo as histórias narradas sobre sua origem, Ágata era tão graciosa e atraente que chamou a atenção de Quintiano, cônsul da Sicília na época, que não queria somente a menina para si, mas também o título de nobreza que sua família carregava. No período de vida de santa Ágata, parte da Itália ainda não estava catequizada, haviam ainda os politeístas, acreditavam em mais de um deus, que eram considerados como pagãos e Quintiano fazia parte dessa massa.

Depois ter sido rejeitado diversas vezes pela menina, o Cônsul mandou que a buscassem e que levassem “a uma meretriz chamada Afrodísia e às suas nove filhas, depravadas como a mãe, a fim de que em trinta dias a fizessem mudar de decisão.” (VARAZZE, 2003, p.256). Mesmo com todos os esforços da prostituta, sejam eles de formas boas ou más, Ágata não cedeu, dizia sempre que seu amor era fundamentado em Cristo. Aos longos dos trinta dias, a jovem rezava todas as noites para que aquela situação acabasse o mais rapidamente e pudesse voltar às suas tarefas com Deus.

Quase ao fim dos trinta dias, o cônsul ordenou que a chamassem e a interrogou sobre sua família e sua devoção, mandou que escolhesse entre se sacrificar aos deuses romanos que cultuava e entregar-se a ele ou viver uma vida de suplícios. Ao fim do interrogatório, Quintiano mandou que a levassem para a prisão, ordenava que a mesma renegasse seu Deus e aceitasse sua religião politeísta e a torturou a cada resposta negativa que recebia. Em um dia de fúria, mandou que arrancassem seus seios com tenazes e que a colocassem de volta à prisão sem direito a nenhum médico ou curandeiro para cuidar de suas feridas.

Segundo Jacopo de Varazze em “Legenda Aurea”:

Aterrorizados com a imensa luz que aparecerá, os guardas tinham fugido deixando o cárcere aberto, e algumas pessoas pediram que ela fosse embora, ao que ela respondeu: “Não quero perder a coroa da paciência, nem deixar meus carcereiros em apuros (VARAZZE,2003, p 258).

Contam as histórias que, naquela noite o apóstolo Pedro e um jovem – descrito sendo uma criança, de roupas brancas e com uma tocha na mão - visitaram a pobre Ágata em sua cela. Traziam remédios e palavras de consolo à jovem e, ao fim da visita, o enviado a curou e logo após desapareceu no meio da noite. As mamas da futura santa foram reconstituídas, da mesma maneira que todos os outros ferimentos causados pela maldade de Quintiano, foram sarados.

Alguns dias depois o cônsul a chamou em sua corte mais uma vez e, mesmo vendo que a moça havia sido curada, relutou em aceitar o Deus no qual Ágata acreditava e tentava levar sua palavra, assim como a mesma recusava os deuses dele. Tomado de ira, voltou a castigá-la, dessa vez, a jovem deveria rolar nua sobre cacos de vidro em chamas. Porém enquanto preparavam o castigo, um terremoto matou dois conselheiros de Quintiano, fazendo a população acreditar que aquilo era um sinal do Deus da jovem, algum tipo de milagre. Logo todos intercederam por Ágata e imploraram ao cônsul que parasse com aqueles sacrifícios. Temendo o povo e o terremoto, Quintiano ordenou que a lançassem de volta à cela, onde suas preces

finalmente foram ouvidas e, após um grito, a nobre Ágata faleceu, libertando-se daquele martírio. A morte se torna afastamento do orgulho e mediocridade humana e passagem para a vida sagrada, santificada, do sagrado puro.

No livro de Varazze, conta-se também que mais de cem homens belos e com vestimentas brancas, apareceram no momento em que estavam preparando o corpo da jovem para o funeral e deixaram uma lápide com os escritos: “Alma santa, generosa, honra de Deus e libertadora da pátria.” Desaparecendo logo após o ato. Quintiano foi morto pouco tempo depois de Ágata, por seus cavalos que se soltaram fazendo com que ele caísse no rio e se afogasse.

Ágata faleceu no dia 5 de fevereiro de 251 e um ano após sua morte o vulcão Etna entrou em erupção e os cidadãos, temerosos com a destruição da lava, pegaram o véu que cobria o sepulcro da jovem e o colocaram diante do fogo, detendo assim a lava e fazendo com que este fosse considerado o segundo milagre realizado pela Santa. A tradição conta ainda sobre um terceiro milagre, onde santa Ágata teria curado a mãe da jovem que viria a ser santa Luzia.

As celebrações a Sant’ Ágata começam no princípio de janeiro e vão até uma semana depois de seu aniversário, onde os fiéis vão a procissões, missas e outros eventos relacionados a mesma. No dia 5 de fevereiro, ocorre uma procissão até a “*Piazza di Stesicoro*”, em Catânia na Itália, passando pela *via Etnea*. Entoando cânticos e preces, os devotos vão carregando as relíquias da benevolente. Essas consistem no véu da Santa e seus restos mortais que são guardados dentro de uma arca dourada na Catedral de Santa Ágata, estes serão abordados mais adiante.

A padroeira da cidade de Catania viveu em uma época em que o Império Romano estava aumentando seu território por entre a Península Ibérica, Mesopotâmia, Egito e outros locais. O contato com outras línguas, culturas e religiões era inevitável e isso acabava se refletindo na própria cultura e língua latinas. Há ainda o fator da Sicília ser uma ilha, por onde inúmeros mercadores e navios passavam e paravam, aumentando ainda mais o contato com outras culturas. Em Eliade, tentando explicar e entender a simbiose que acontece durante o surgimento do cristianismo, diz que: Desde o início, o cristianismo sofreu influências múltiplas e contraditórias, sobretudo as do agnosticismo, do judaísmo e do “paganismo” (ELIADE, 1972, p. 119).

O cristianismo, a fim de converter a população, tomou posse de grande parte dos elementos míticos e pagãos de outras religiões. Em seu estudo, Eliade ainda nos afirma algo que nos ajuda a compreender as semelhanças entre diversas celebrações que:

[...] as inúmeras deusas da fertilidade foram assemelhadas à Virgem ou às Santas. Pode-se mesmo dizer que uma parte da religião popular da Europa pré-cristã sobreviveu, camuflada ou transformada, nas festas do calendário e no culto dos Santos (ELIADE, 1972, p 120)

As autoras Francesca Santucci (Virgo Virago) e Giulia Sfameni Gasparro (I culti Orientali in Sicilia), afirmam e examinam documentos que demonstram como a crença egípcia foi disseminada dentre o povo italiano, no caso, assemelhando duas mulheres importantes, com histórias diversas, através dos ritos em devoção a elas: “Il suo culto (forse collegabile ad antichi culti pagani locali, come quelli di Iside, Demetra, Persefone-Kore) [...]” (SANTUCCI et al, 2008, p.59).

Retomando à Celebração de Santa Ágata, como dito anteriormente, ocorre quase um mês de festa, mas o dia mais importante é o dia 5 de fevereiro. Porém, a festa tem sua origem no dia 17 de agosto de 1126, quando o bispo Beneditino Maurizio recebe em sua igreja as relíquias de santa Ágata que estavam em Constantinopla. Essas relíquias foram doações do papa Gregório I – também conhecidos como Gregório, o Grande – no começo de sua jornada como papa.

Em 1040, as relíquias são levadas para Constantinopla. Também foi o papa Gregório I que a canonizou como Padroeira de Catania. As relíquias de Ágata tratam-se dos seus restos mortais - pés, mãos, mamas etc. – e de seu véu. Estes passaram cerca de 86 anos longe de seu lugar original, a Catedral de Santa Ágata em Catania.

Os devotos da santa são chamados de *ignudi* ou *scalzi*, pois durante a procissão que representa o martírio de Ágata, tradicionalmente estariam vestidos de branco com as mamas à mostra e descalços, representando o castigo de andar sobre cacos de vidro em chamas e o de ter suas mamas arrancadas, que são descritos em sua história.

Muito se vê ainda de uma outra cultura, na arte siciliana. Um monumento na *Piazza d'uomo* feito em 1736 por Giovanni Battista Vaccarini, um obelisco no qual há um elefante feito de mármore e que possui estilo e hieróglifos egípcios se referindo a deusa Ísis, mas também possui elementos – lírios e palmeiras – que estão ligados a santa Ágata. Essa junção de elementos deixa ainda mais claro a mistura entre culturas.

De acordo com as considerações de Mircea Eliade (1992) “Descobre-se o mesmo desejo de aproximação dos deuses quando se analisa o significado das festas religiosas.” As festas dedicadas aos deuses, santos, representantes divinos são uma forma de conectar o ser humano mundano e profano, trazer paz de espírito com a aproximação ao divino.

Segundo Lanzafamme (2005), os lugares em que ocorrem os cultos de santa Ágata se dividem entre os que são para lembrar seu martírio e os que são dedicados a ela como homenagem pelos seus feitos. Muitos destes ficam em outros países onde é padroeira, isso acarretou a uma variação do nome da santa para Águeda. Como já dito neste trabalho, muitas vezes santa Ágata é relacionada a deusa Ísis, que a festa realizada em homenagem a *Santuzza* antes era um culto em agradecimento a Egípcia. Sobre o culto de Ísis, Eliade (1969) diz que o culto passou a fazer parte da cultura italiana no século 2 antes de Cristo, e só no século 1 chegou a Roma, onde estaria a Igreja.

Emanuele Ciaceri (1905), faz uma comparação dos cultos dedicados a deusa Isis e a santa Ágata utilizando a descrição do culto da egípcia que faz Apuleio em sua obra “O asno de Ouro” (também conhecido como “Metamorfose”), uma obra valiosa para a literatura e cultura antiga. Para Ciaceri há cinco pontos que podemos acreditar que foi uma absorção, simbiose entre os cultos.

O primeiro deles é a festa dedicada a Isis que começava no templo e seguia pelas ruas de Corinto até chegar ao mar, onde um navio era posto ao mar com presentes dedicados/ofertados a deusa: “Disto isso, vindo um pouco adiante com a procissão, chegamos a ribeira do mar [...] o principal sacerdote ofereceu a deusa uma nave muito polidamente obrada” (APULEIO, p. 300).

Como já mostrado antes, a celebração em nome de santa Ágata também ocorre uma procissão que termina rumo ao mar, porém, temos aqui a diferença, pois ao invés de ofertar algo, a procissão simboliza a chegada das relíquias da santa.

O segundo ponto em que os cultos se assemelham são as roupagens brancas que os admiradores de ambas utilizam durante a celebração. Através da descrição feita por Apuleio, a maioria das pessoas que possuíam vestimentas completamente brancas, eram sacerdotes. Refletindo isso, temos os homens que deixaram a lápide da santa, sendo assim eles podem ser considerados com o mesmo grau de importância ou como a criança que acompanhou o apóstolo Pedro no momento em que o mesmo restituiu os seios de santa Ágata e curou seus ferimentos.

Muitas das pessoas vestidas de branco na procissão de Isis carregam lamparinas, assim como o menino do apóstolo.

No livro de Apuleio, é descrito mulheres que vinham adornadas com diversos tipos de adereço e possuem papéis importantes naquela encenação do culto. A imagem feminina também tem destaque no culto de santa' Ágata por esta ter como função a proteção contra doenças mamárias, que acomete muitas mulheres. Isis simboliza a deusa Mãe, aquela que cuidava da reprodução natural, em uma das observações de Apuleio, há um detalhe que chamaria atenção de Ciaceri, pois equipara-se ao símbolo de Santa Ágata: “Este mesmo levava na outra mão um copo de ouro redondo e deito a maneira de seios, do qual saía leite.” (APULEIO, p. 290).

Os seios são a principal marca da santa, sempre retratada com eles a mostra ou com eles em cima de um recipiente. É um costume entre seus fiéis ofertarem um doce com formato de seios e que chamam de *minne di Santa Agata*, feito com ricota, frutas cristalizadas e chocolate. Estes, assim como o leite que escorre do corpo, também são dados ao povo. Em alguns momentos da narração em “O asno de ouro”, Isis vem chamada de ‘prosérpina’ assim como santa Ágata é nomeada muitas vezes para os seus fiéis.

Ciaceri faz um último apontamento de semelhanças entre as divindades: o véu. O véu aparece em uma das descrições de Apuleio durante a procissão, uma das figuras que representava a deusa estava adornada com véu. Porém, para santa Ágata o véu não é um simples adereço, pois os contos dizem que durante uma das erupções do vulcão Etna, o véu foi jogado em cima da lava e parado a mesma. O véu tornou-se uma das relíquias da santa devido a este milagre.

Vendo esses pontos de semelhanças isolados, percebemos que uns possuem mais importâncias que outros, porém não deixam de ser possíveis referências ou absorções dos festejos feitos pelo povo de Isis. As solenidades são os perfeitos exemplos da transição de um povo aos costumes de outros, são adaptações para que não se anule uma identidade, uma fé e amor.

## 2.2. APROPRIAÇÃO LITERÁRIA DO MITO NA OBRA ‘IL CONTO DELLE MINNE’

Quando se fala em literatura italiana as referências são diretamente masculinas e clássicas, afinal o cenário de escrita em todo mundo foi dominado pelos homens por anos.

Sendo assim, a criação das personagens femininas era um olhar totalmente masculino de um mundo que muitas vezes era desconhecido a eles. As figuras utilizadas em suas obras eram sempre o de mulher frágil e doce, por muitas vezes quase sagrada, como é o caso do amor de Dante, Beatriz, que em suas obras é vista de uma forma santificada, celestial.

A escrita feminina foi estreitamente restrita, visto que não era comum uma mulher saber ler e escrever, tais habilidades dependiam diretamente da classe social dela e por sua maioria, escreviam diários, livros de receitas, obras que espelhavam a mulher domesticada da época. Em 1980, Giuliana Morandini, professora de literatura e crítica literária publica seu livro “*La voce che è in lei. Antologia della narrativa femminile italiana tra ‘800 e ‘900*”, que reúne obras escritas por mulheres nos séculos 19 e 20. Essas mulheres influenciaram outras mulheres e hoje a escrita feminina (e feminista) se tornou objeto de estudo em todos países e culturas.

É nesse movimento de uma nova escrita que a autora palermitana Giuseppina Torregrossa embarca e compõe seus romances. Ela aproveita de sua formação em ginecologia, da sua cultura siciliana e do fato de ser uma mulher, para adaptar suas obras a realidade que quer contar misturando religião e gastronomia.

Isso fica claro no livro “*Il conto delle minne*”, que recebeu o título em português de “*Mamas sicilianas*”, onde Torregrossa conta a história de mulheres que através da tradição culinária, repassam sua fé e ensinamentos de cunho feminista. O romance se passa entre as cidades de Palermo e Catânia, contando a vida de uma jovem que leva o nome da santa escolhida pela autora, Ágata, narrando também fatos de suas antepassadas, mulheres fortes que com suas experiências enriquecem a narrativa. Todo dia 5 de fevereiro, dia de santa Ágata, doces chamados de *minne* (em português casatinhas), que possui formato de seios e são distribuídos em pares as mulheres, são preparados pela protagonista e a avó e ofertados a santa com o pedido de proteção a doenças. Curiosamente a primeira página do livro é a receita da saborosa sobremesa e que induz ao leitor a pensar que se tratará somente daquele assunto.

Logo nas primeiras páginas do livro o leitor é apresentado a três personagens com o nome de Ágata: a santa, a avó e a protagonista do livro. O preparo do doce é uma espécie de ritual entre avó e neta, onde se aprende mais que uma receita: “*La nonna, di cui porto il nome, aveva stabilito che io l’aiutassi in cucina nella delicata preparazione dei dolcetti e mi designò custode ufficiale della ricetta e sua unica erede*” (TORREGROSSA, 2012 , p 15).

A tradição é o ato de transferir algo de caráter importante, de alguma cultura para alguém. Possui inúmeras formas de ser feita, mas depende principalmente da oralidade para ser

passada as próximas gerações. Muitas vezes podem sofrer com a política da época, porém seus propagadores se adequam as dificuldades, ou até mesmo o contato com uma nova cultura pode acabar nascendo uma nova (porém velha) tradição.

A avó da protagonista é sua principal referência de mulher, é sua estrutura familiar, pois funciona para ela como uma mãe, já que seus genitores não dão atenção e amor para a menina, se mostram muito mais preocupados com outros assuntos e futuramente com os irmãos da mesma. É através da história e do ritual do preparo que avô e neta criam um laço afetivo que jamais será quebrado, bem como conselhos que serão mostrados durante a narrativa.

Em seu ensaio *Magia e técnica, arte e política* (1994), Walter Benjamin faz considerações importantes para explicar como se dá a fixação das tradições. Ele afirma que “Quanto maior a naturalidade com que o narrador renúncias às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará a sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá a inclinação de recontá-la um dia” (BENJAMIN, 1994, p 204).

A progenitora de Ágata marca na memória da menina, não somente com a feitura do doce, mas também seus passeios e carinhos. Ela não possui o medo de falar determinadas coisas a neta, porém a pede que não a repita na frente do pai. Ágata considera sua avó como “*feminista a modo suo*”, e diz que “(...) perché la religione è cosa da femmine e, almeno in questo, le donne siciliane erano, anche all’epoca, libere di scegliere” (TORREGROSSA, 2012, p 15).

Durante a narrativa, podemos ver o quanto a maioria das personagens femininas são submissas a figura masculina, ao machismo palpável que acontecia na Sicília das épocas em que o romance percorre. A cozinha e a missão de rezar pela família, sempre esteve a cargo da mulher. O livro também mostra como funcionava as hierarquias familiares da época:

Nella famiglia Badalamenti l’eredità veniva trasmessa ai discendenti secondo il diritto di maggiorasco; il patrimonio, cioè, andava al primo figlio maschio, che aveva l’obbligo di conservarlo, custodirlo e passarlo integro al proprio discendente. Nonostante tale diritto fosse stato abolito dopo l’unità d’Italia, nella nostra famiglia, come del resto in tutto meridione, era rimasta la consuetudine di privilegiare il figlio maggiore, riconoscendo alle femmine una dote in danaro che aveva funzione di prevenire faide annose e violente (TORREGROSSA, 2012 , p 15- 16).

A romancista expõe a sociedade italiana em diversos outros momentos sempre de forma sutil, mas que funciona como uma ironia e até mesmo comentários engraçados sobre como os homens viam as mulheres, ou como as mesmas deviam tratá-los.



Desde a Grécia antiga os aedos e rapsodos contavam as odisseias e epopeias heroicas, os mitos e ensinamentos através da oralidade. Esta é uma forma de conservar os valores, histórias e tradições de uma sociedade. Tudo é passado de geração a geração, e a cada uma, novas características são acrescentadas. É por vias orais que a avó da protagonista decide perpetuar sua tradição familiar e utiliza, em sua maioria, os momentos em cozinha:

Nella cucina in penombra si svolgeva il sacro rito della preparazione dei dolci, dal quale erano esclusi gli altri parenti che, incapaci de una fede genuina, avrebbero vanificato il sacrificio della nonna e indispettito la Santuzza, la quale avrebbe potuto anche ritirare la sua benevola protezione (TORREGROSSA, 2012, p.16).

O romance é narrado pela protagonista contando parte da sua história e afim de explicar a origem da tradição das *minne* em sua família, Ágata retrocede até os tempos de sua bisavó Luísa. Final do século XIX, a Itália passava pelo período de unificação e a figura feminina que ganhava força era a brasileira Anita Garibaldi, que se torna uma heroína do povo italiano, sua valentia influenciou milhares de italianas. Pelos anos de 1877 surge na Itália a figura de Anna Maria Monzoni apresentando a política um requerimento para a fundação do sufrágio feminino, que mais tarde viria a ser considerada como fundadora do movimento feminista na sua nação.

Esta não é a primeira obra a fazer um contraste da religião com algum tipo de alimento, a própria bíblia faz uma alusão a isso quando se refere aos céus como uma terra onde há leite e mel, ou com a proibição de Eva de comer o fruto proibido, a maçã. Muitas religiões possuem seu próprio estilo de alimentação, no judaísmo – por exemplo - não se pode comer carne de porco, há também aquelas que delegam determinadas épocas em que não se come algum tipo de carne, como na semana santa, em que tradicionalmente as famílias passam a semana comendo somente carne branca ou apenas peixe. A gastronomia sempre foi algo cultural, um dos principais alvos para se conhecer um lugar, uma sociedade, um povo. Assim como também foi algum dia um ato sagrado que, utilizando as palavras de Eliade (1992), “foram dessacralizadas”: [...] os alimentos são considerados sagrados, ou um dom da divindade, ou uma oferenda aos deuses do corpo[...] (ELIADE, 1992, p.82).

Há ainda aquelas religiões que utilizam da comida para preparar seus rituais e crenças, como as de origem africanas e o catolicismo. Quando isso acontece estaria o homem alimentando o corpo, a alma. Giuseppina se aproveita desses preceitos em seu romance.

Fu proprio grazie alla devozione di mia nonna che il cinque febbraio di ogni anno la famiglia Badalamenti si riuniva per celebrare l'onomastico delle sue Agata con un pranzo in grande stile, che si concludeva con i dolci votivi – le minne di santa'Agata per l'appunto, fatto a mano da lei personalmente, per grazie ricevute o da ricevere (TORREGROSSA, 2012, p.15)

A oferta de alimentos a santos – sejam eles católicos ou de outras origens - seria uma forma de ligação entre o ser humano e o santo, comendo daquilo que é ofertado o ser estaria alimentando seu corpo e o corpo do outro, que em troca regaria sua vida com bênçãos e proteção. A tradição das casatinhas de santa Ágata, começa muito antes da protagonista ou sua avó. Como dito anteriormente, é sua bisavó Luísa, casada com padeiro que inicia a tradição na família. Torregrossa explica isso:

La devozione di Luisa per sant'Agata nacque la notte he Gaetano le sbottonò la camicetta e prese a tormentare il seno per la prima volta. Il piacere fu così acuto da rasentare l'estasi. Il senso di benessere che lo seguì le sembrò un'opera di Dio, per il tramite della Santuzza che protegge il petto delle femmine. Perciò Luisa si era consacrata a sant'Agata e si raccomandava sempre a lei perché le conservasse le minne integre e belle per tutta la vita (TORREGROSSA, 2012 , p 38).

Seus princípios não são os de alimentar o corpo ou a alma, e sim de manter a beleza de seus seios, um traço muito mais erótico e estético do que santo.

Luisa se dedicava demasiadamente ao que era a paixão de seu marido e buscou ajuda na santa para que nenhum mal viesse recair sobre eles. Porém, algo em suas orações e devoção não vai bem e ela recebe um sinal disso no corpo e em suas ofertas a santa. Os doces não saem bonitos e formosos, tem uma forma mais baixa e feia. O que leva os personagens - e até mesmo o público leitor - a pensar se a santa estaria se sentindo ofendida. Em pouco tempo a vida de Luisa se esvai devido a um câncer de mama. Porém essa não é a única personagem que sofre do mal mamário, mais para frente da narrativa as tias de Ágata, Tittina e Nellina, as gêmeas que devotas de uma outra santa, desenvolvem a doença. Em um outro momento a própria narradora irá ressaltar a importância do alimento: “Le minne di sant'Agata erano l'assicurazione per la mia salute, il dolce amuleto he mi avrebbe accompagnato nella mia vita di donna” (TORREGROSSA, 2012, p.89).

O amuleto é tido como qualquer objeto que possuiu um ar mágico, algo supersticioso, que protege ou amaldiçoa seu dono, a pessoa que o possui, é algo muito relacionado com o paganismo. Percebe-se mais uma vez como o cristianismo tomou traços de outras culturas, que

dizia ser ligadas ao que eles consideravam mal, dando traços puros e quase santos. A fé depositada no amuleto é o que move sua eficácia.

Entretanto, a vida passa rápido e em alguns momentos a protagonista acaba esquecendo de suas tradições, abandonando seus costumes. De acordo com a mitologia de diversas culturas, suas representações divinas devem ser cultuadas para que a vossa cólera não recaia sobre o povo.

Con il passare del tempo però dimenticai la paura della malattia e le raccomandazioni della nonna, abbandonai ogni forma di precauzione che in questo caso faceva rima con prevenzione. I dolci smisi di prepararli, e addirittura dopo il trasloco non trovai più tra le mie cose la ricetta della nonna (TORREGROSSA, 2012 , p 200).

Já dizia Mircea (1992) “O verdadeiro pecado é o esquecimento”. A deslembança, o desleixo com o preparo do doce estão ligados com aparecimento da doença tanto na família. Mas não é só isso, é seu verdadeiro significado, que não é estético, não é puramente uma via de mão única, a falta de amor a causa rompe um tratado: “O homem moderno a religioso assume uma nova situação existencial: reconhece se como o único sujeito e agente da História e rejeita todo apelo à transcendência” (ELIADE, 1992, p 97-98).

A enfermidade que recai sobre as mulheres que nos leva a crer na culpa devido ao afastamento com o divino, o rompimento da comunhão e alimentação do corpo humano e espiritual., a dessacralização do próprio corpo.

Eppure nella storia della mia famiglia ci sono stati diversi casi di tumore al seno in stretta relazione con quei maledetti dolci. Come ho potuto dimenticare le raccomandazioni di nonna Agata, la storia della Santuzza, la vita della mia bisnonna Luisa, delle mie antenate? Se solo me ne fossi ricordata in tempo, avrebbero potuto essere preziosi sassolini per tracciare la strada (TORREGROSSA, 2012, p 275).

Mesmo que durante anos o ritual de preparar o doce, escutar o martírio da santa e as recomendações de sua avó se repitam, a protagonista se esquece de suas raízes, de tudo o que foi ensinada a crer. O fio que mantinha Ágata e sua fé era a avó, quando esta falece, ela se distancia de tudo o que trazia lembranças dolorosas. A dor que a afasta da fé, pode ser igualada a dor que a fará retomar para os braços do que acredita.

Giuseppina tem o árduo trabalho de tecer, através de um mito sagrado, seu romance. Para Eliade (1992) “Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou heróis civilizados”, santa Ágata reconhecida como padroeira de Catania é considerada o que ele chama de “herói civilizado”, e

ela precisa dar continuidade a imagem de heroína para concluir seu romance. Esse papel também é carregado pela avó da protagonista, sua memória e principalmente seus ensinamentos estão sempre sendo lembrados e reproduzidos pela neta.

A introdução da obra é explicativa, seja pela história italiana, familiar ou cultural, acompanhados com os detalhamentos geográficos, que transportam o leitor até a ilha da Sicília, não se deixa brechas sobre o passado, porém, com uma grande curiosidade sobre o futuro e seu final. Somente quando o leitor começa a acompanhar a vida adulta da personagem principal é que o alimento passa a ter um simbolismo mais erótico. O momento de deleite da comida ganha ares mais apimentados com a aparição de um novo personagem, Santino. Torregrossa utiliza do surgimento desse homem, de estereótipo italiano charmoso e sensual, para começar o regresso a tradição, ao seio da família. Então, quando começa a sofrer pelo de amor de um homem, ela procura por uma outra personagem que possui o mesmo valor afetivo de sua avó, a serviçal Ninetta. É como diz o dito popular “quem não aprende pelo amor, aprende pela dor”, foi assim com as algumas mulheres de sua família e também será assim que desenrolará com a personagem principal. Outro fator que Giusseppina explora em sua obra são os ditos populares sicilianos e de muitos personagens que fazem parte do “imaginário” italiano, sejam eles atores, políticos (suas alusões ao capitalismo e socialismo) ou mafiosos, através da cultura compartilhada com o mundo, há o enriquecimento das palavras e contextos. A autora induz o leitor a buscar seu conhecimento de mundo para poder fazer o conhecimento dessas figuras.

Como dito anteriormente, as lições na vida de Ágata são recheadas de falas feministas, a autora faz uso de sua obra – assim como outras tantas- para propagar ideias de uma igualdade a seus leitores (sejam eles homens ou mulheres), os conselhos não servem apenas para sua personagem principal, são lições que se podem levar para a vida real.

Quante volte l’ho sentite dire a nonna Agata: agli uomini meno ci fai sapere meglio te la passi... Ah, se solo mene fossi ricordata prima! Ma quando mi viene in mente la nonna, la sua sofferenza, l’isolamento che il marito le aveva imposto, scaccio il pensiero dalla testa. le cose sono cambiate, mi ripeto, non è piú tempo. (TORREGROSSA, 2012, p.247)

É a *nonna* que, mesmo não estando em um plano superior, guia a jovem Ágata para suas raízes e tradições, afasta daquilo que a faz mal e em diversos momentos traz uma lucidez com seus conselhos simples e ditados sicilianos. Mesmo morta, é uma figura recorrente na obra sempre (tentando) por a protagonista nos eixos, ou até mesmo sendo seu ponto de fuga e afeto.

A figura materna lhe falta, já que o relacionamento de Ágata e sua mãe é difícil e quase inexistente depois da morte do pai. Então sua avó paterna, aquela que carrega o mesmo nome e lhe ensinou tanto sobre sua fé, culinária e sobre a vida, supre qualquer necessidade de afeto.

O desfecho que Torregrossa dá a caminhada evolutiva de sua personagem é surpreendente, os problemas de Ágata começam a se resolver quando ela encontra novamente sua fé e também mais uma mulher surge para dar-lhe forças:

*La forza di nonna Agata, delle bisnonne Luisa e Assunta, persino quella misteriosa della nonna Margherita, è dentro di me ed emerge tutte le volte ch ne ho bisogno. Sono capace di scegliere, di affrontare i problemi, di trovare soluzioni (TORREGROSSA, 2012 , p.313)*

A personagem sofre transformações física, psicológica e até mesmo emocional, a cada dificuldade ela deve voltar às suas tradições, sua base para poder se reconectar consigo mesma. O doce, alicerce, torna-se o alicerce de uma mulher, seu alimento espiritual, ela passa a ofertá-lo não somente a sua padroeira, mas também a outras mulheres para que possam experienciar as mesmas mudanças. O romance finda de maneira graciosa, demonstrando a força que a mulher possuiu.

### 3 CONCLUSÃO

O ato de narrar vem muito antes da escrita com as experiências sendo trocadas pelos seres de modo informal ou formal, sendo falas que são acreditadas pelas outras pessoas. A oralidade funciona de maneira essencial para nós, a maneira como nos expomos a inúmeros tipos de assuntos. Quando a autora escolhe quem será seu narrador, fica claro os pontos de vistas que teremos ao longo da história. É o que acontece com “*Il conto delle minne*”, se tem uma mistura de visões da mesma personagem, seja de uma criança, uma adolescente até chegar a vida adulta e termos uma opinião formada de Ágata sobre todo os momentos importantes, que marcaram sua vida, a narradora conta sua história e nós vamos crescendo juntamente com ela. O dialeto, os ditados sicilianos, as construções das aparências físicas de alguns personagens, dos locais da cidade, são recursos artísticos que trazem um contexto mais realista para o romance e aproxima leitor e obra, a escritora sabe como definir bem os momentos de sensibilidade e dor, de críticas a sociedade.

A autora vai ganhando espaço entre as literaturas contemporâneas italianas, trazendo reflexão sobre os temas. Através de suas palavras, Giusseppina consegue fazer seus leitores sentirem a emoção, a dor, os mesmos sentimentos que causa a protagonista. O tema gastronômico é algo recorrente nas obras de Torregrossa, sempre interligados a outros diversos temas. Aproveitando-se da tradição de todo dia 5 de fevereiro, preparar um doce e ofertá-lo a Santa Ágata, a narração vai aos poucos mostrando o quanto essa liturgia é importante na vida da personagem, seja pelo viés religioso ou pelo afetivo. É uma narrativa onde mulheres influenciam mulheres, todas as figuras femininas apresentadas no romance são importantes para a construção da personagem central. Acompanhamos mulheres que pensam a frente e em seus direitos e outras que vivem de acordo com a sociedade. A narrativa sobre o martírio de santa Ágata é uma das provas de dominação que a mulher sofria em sua época.

Gastronomia e religião mostram-se estar enraizadas uma a outra. Em inúmeras religiões, o alimento tem um papel fundamental seja no momento ritualístico, ou nas refeições no dia a dia do homem. Aliás, pode-se perceber que todas as religiões estão interligadas, todas elas partiram de uma mesma base e foram se adaptando a sociedade que foram se formando, a culturas novas que foram surgindo. Exemplo disso é o culto relacionado a deusa egípcia Isis que possuiu muitas características em comum com a festa e liturgia a santa Ágata.

O doce e a santa a quem ele é oferecido são as chaves para a narração, a história começa e termina com eles. A romancista conduz seu leitor à uma caminhada onde a religião sempre estará presente, mesmo que em alguns momentos não esteja ligada diretamente a santa Ágata, da mesma maneira que expõe outras características que pode ter o ato de se alimentar. A forma como Giuseppina Torregrossa escreve transporta o leitor para a pele da personagem principal e para uma Itália feminina pouco desbravada pela literatura.

#### 4 REFERÊNCIAS

APULEIO, Lúcio. O asno de ouro. [Por: Ruth Guimarães]. Rio de Janeiro: Ediouro, 1960. (Asinus aureus).

ASSOCIAZIONE CULTURALE ITALIA MEDIEVALE. **I culto de Agata, vergine e martire, nel medioevo” di Maria Stelladoro**. Disponível em: [http://www.italiamedievale.org/sito\\_acim/contributi/agata\\_martire.html](http://www.italiamedievale.org/sito_acim/contributi/agata_martire.html). Acesso em: 23/04/2019.

AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de. História, retórica e mulheres no Império Romano: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito. **Coleção Impérios Romanos, Série Estudos**. Editora UFOP. 2012.

BELO, T. P. Mulheres da Antiguidade: apenas um espelho. **XXIX Simpósio de História Natural**. 2017.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**, p. 197-221, 1994.

CIACERI, Emanuele. **Culti e miti nella storia dell’antica Sicilia** .Arnaldo Forni. Catania 1911

CIACERI, Emanuele. **La festa di S. Agata e l’antico culto di Iside**. Archivio storico per la Sicilia orientale. Società di storia patria per la Sicilia orientale .anno 2° . Catania 1905

CUNHA, P. C. R. R.M. Da Critica Feminista e a Escrita Feminina. **Revista Criação & Escrita**. N.8, p.1-11. 2012. Disponível em: [https://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoocritica/dmdocuments/CC\\_N08\\_PCRRMCunha.pdf](https://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoocritica/dmdocuments/CC_N08_PCRRMCunha.pdf). Acesso em 19/03/2020.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972. (Série Debates).

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. Sao Paulo. Martis Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **História das crenças e das ideias religiosas: Volume 1: Da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis**. Tradução Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2010.



GASSA, M. E. D. **Anna Maria Mozzoni**. Disponível em: <http://www.enciclopediadelledonne.it/biografie/anna-maria-mozzoni/>. Acesso em: 23/04/2019

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.

GOMES, G. **O papel da mulher: da Antiguidade à Contemporaneidade**. Disponível em: <https://encenasaudemental.com/post-destaque/o-papel-da-mulher-da-antiguidade-a-contemporaneidade/>. Acesso em: 19/03/2020.

HILGERT, J. G. Fundamentos para o estudo da oralidade na escrita. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 17, n. 1, p. 57-73, 2015.

LANZAFAME, G. **Sant'Agata e la sua festa: barocco in processione**. Catania: Edizione Greco, 2005. PAVONE.

MARIANO COLLA. **La festa di S. Ágata a Catania. Fra culto e tradizione pagane**. Disponível em: <http://www.italiamagazineonline.it/archives/6292/festa-agata-catania-fra-culto>. Acesso em: 19/03/2020.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Dia de Santa Ágata**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/calendario-comemorativo/dia-de-santa-agata>. Acesso em: 23/04/2018.

PRIORE, M. D. **História do amor no Brasil**. São Paulo, 2006.

SAMPAIO, Ângela O.; VENTURINI, Renata LB. Uma breve reflexão sobre a família na Roma Antiga. **VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais–Trabalhos Completos**, 2009.

SANT'AGATA LA VETERE. **Il culto de Iside**. Disponível em: <http://www.santagatalavetere.it/site/il-culto-di-iside>. Acesso em: 23/04/2019.

SANTUCCI, Francesca. **Virgo virago. Donne fra mito e storia, letteratura e arte, dell'antichità e Beatrice Cenci**. Associazione Akkuaria, 2008.

SFAMENI GASPARRO, Giulia (1973). **I culti orientali in Sicilia**. EPRO, 31. Leiden.

SILVA, G. C. C. et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Revista da SBPH**, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2005.

TAVARES, J. C. **Dicionário dos santos**. 2ª edição. Porto: Lello & Irmão Editores, 1990.

TIMOLEONTE. **Iside e Sant' Agata**. Disponível em: <https://timoleonte.wordpress.com/2016/02/04/iside-e-santagata/>. Acesso em: 13/05/2018.

TOLFO, S. A representação de mulheres romanas em seus epitáfios. **Alétheia-Estudos sobre Antiguidade e Medievo ISSN: 1983-2087**, v. 1, n. 1, 2018.

TORREGROSSA, Giuseppina. **Il conto delle minne**. Edizioni Mondadori, 2012.

VARAZZE, J.; JÚNIOR, H. F. **Legenda áurea: vida de santos**. Editora Companhia das Letras, 2003.

VIAGGI SPORT VACANZE. **Sant' Agata a Catania – Paganesimo**. Disponível em: <https://viaggisportvacanze.it/index.php/cultura/63-riti/126-santagata-a-catania?start=7>. Acesso em: 23/04/2019.